

O FENÔMENO DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO COMPORTAMENTO DAS MASSAS

Vera Lúcia Prates dos Santos Nogueira¹

RESUMO

Neste trabalho procura-se analisar a compreensão do fenômeno das massas e seus deslocamentos, e mais especificamente as manifestações de rua ocorridas no Brasil, durante os anos de 2015 e 2016.

A partir do marco teórico principal de Freud e de Lacan, procurou-se investigar os fatos que levaram à existência de tantas pessoas se reunirem com um único objetivo, o de protestar nas ruas brasileiras contra os políticos tradicionais, partidos políticos e a corrupção.

Assim, no presente trabalho, pretende-se abordar as massas, que se movem inquietas e ruidosas pelas ruas do Brasil, bem como seus comportamentos e seus anseios.

PALAVRAS-CHAVE: Massas. Manifestações de rua. Brasil. Política. Psicanálise.

¹ Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante da equipe de Saúde Mental do Instituto Municipal Philippe Pinel. Correspondente integrante da Escola Brasileira de Psicanálise, seção Rio. Psicanalista. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 540, 607, Rio de Janeiro. v_nogueira@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão a respeito do comportamento das massas nas manifestações de rua no Brasil, durante os anos de 2015 e 2016.

O trabalho parte da observação empírica de como as massas se conduziram em aprovações ou desaprovações ao modo em que o Brasil foi governado durante o referido período, a partir do que foi constatado nas diversas manifestações, inclusive com grande destaque dado pelos meios de comunicação social, que dedicaram grande parte da sua intensa programação para a transmissão dos eventos, nas principais cidades brasileiras.

Assim, pretende-se, como objeto específico, verificar o que querem dizer as massas nas manifestações de rua, o que ocorre com estas e quais os efeitos tanto sobre a subjetividade quanto ao que se refere à condução da vida política do país.

Como hipótese, pode-se afirmar a possibilidade de manipulação das massas para se atingir os resultados pretendidos pela classe social mais abastada, uma vez que as massas podem não ter compreendido a motivação da sua convocação.

Assim, no presente trabalho, pretende-se abordar o assunto das massas, que se movem inquietas e ruidosas pelas ruas de todo o país e sobre como se comportam.

A VIOLÊNCIA, A AGRESSIVIDADE E O ÍMPETO CONSUMISTA

O homem: violência e agressividade

Para dizer sobre o fenômeno das manifestações, é preciso, antes de tudo que tomemos o homem como um ser social, como um sujeito em suas relações com o outro semelhante, pois que ele já nasce num meio social que é a família. Assim, iniciamos com Freud (1921/1980, p.91), que, em “Psicologia de grupo e a análise do ego”, diz o seguinte:

As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais [...].

No mesmo artigo, Freud afirma que na psicologia de grupo, as relações com os pais etc. são deixadas de lado, e o que fica isolado é o que trata da influência que exerce sobre um indivíduo um grande número de pessoas simultaneamente. Para ele:

A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido. (Freud, 1921/1980, p. 92).

A fim de tratar do fenômeno das massas, Freud, partindo da análise a respeito de “A alma coletiva segundo Le Bon”, reconhece que uma característica típica do indivíduo na massa é “um sentimento de poder invencível [...] sendo a massa anônima [...] desaparece por completo o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 20).

Le Bon, como concorda Freud, registra os “fenômenos de ordem hipnótica”, como ocorre nas massas, em que se observa “o indivíduo sacrificar facilmente seu interesse pessoal ao interesse coletivo”, tornando-se sensível à “sugestionabilidade [...] tendo perdido sua personalidade consciente, ele obedece a todas as sugestões do operador que a fez perdê-la, e comete os atos mais contrários a seu caráter e a seu costume.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 21-22).

Também, a partir de Le Bon, em consequência do estado hipnótico, “pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização [...] na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos.” (Freud, 1920-1923/2011, p. 24).

Tomando em consideração a formação de um grupo, segundo Freud, não cabendo diferenciar se neste há apenas duas pessoas ou uma multidão delas, constata-se que do agrupamento de pessoas, resultam vários fenômenos, como a violência e a agressividade.

Tais fenômenos têm sido observados em todos os tempos e foram descritos por vários autores, que se ocuparam em desenvolver sobre o tema. Um deles, Thomas Hobbes (1651/1974), em *Leviatã*, no capítulo “Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria”, abordando sobre a natureza do homem, apresenta a competição, a desconfiança e a glória como três causas de discórdia.

A competição leva os homens a se atacarem porque querem se tornar senhores das pessoas, mulheres, filhos e rebanhos dos outros homens. A desconfiança impele à violência para defendê-los, e a glória, que gera a violência por ninharias, como um sorriso, uma diferença de opinião etc.

Tendo em vista, então, a natureza do homem, se não há um líder, se não há leis às quais se submeterem, os homens partem para guerrear, e, como diz Hobbes

(1965/1974, p.79), “uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens”, uma guerra que permanece inclusive na vontade de travar batalha, não apenas na batalha em si.

Essa vontade e disposição que o homem tem sempre a guerrear expressa uma forma de lidar com seus conflitos. Desse modo, há que se considerar a respeito dessa tendência e as consequências disso no mundo hoje, um mundo capitalista, onde os excessos consumistas não permitem fazer cessar o mal-estar do sujeito e o levam a desaparecer e fazer viger a imagem.

Freud (1930[1929]/1980) situa o tema da agressividade na civilização e o desenvolve em “O mal-estar” tomando a agressividade como algo inerente ao homem, sendo a inclinação para a agressão, além de um fator que causa perturbações no relacionamento entre os homens e forçar a um grande dispêndio de energia, não é fácil a eles abandonarem a satisfação dessa inclinação.

[...] os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. [...] Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração com a sua própria espécie é algo estranho. (1930[1929]/1980, p. 133).

O momento político atual mostra claramente quão intensa é a cota de disposição ao ataque, sendo desconsiderada qualquer noção de civilidade, importando apenas os exacerbados narcisismos - Freud adota o termo narcisismo para referir-se ao amor pela imagem de mim mesmo como outro; Lacan fala em registro do imaginário - daqueles que pretendem ações que têm trazido a desordem ao país. Parece desconhecem, em sua eterna e infrutífera busca da total felicidade, que desta só é possível conseguir migalhas e que a civilização impõe sacrifícios, como diz Freud (1930[1929]/1980, p. 137), não só à sexualidade, mas também à agressividade.

AS MASSAS E A CRUELDADE

Tem-se observado nos dias de hoje, com incomum frequência, que no vaivém das massas, milhares de pessoas que se aglomeram em manifestações nas ruas de várias cidades do Brasil, clamando pela defesa da democracia e apontando distorções em diferentes áreas do comando do país, apresentam-se, muitas vezes, com ânimos inflamados, o que tem levado a excessos, a agressões físicas, à troca de insultos em

larga escala constatados e registrados em vídeos, fotografias etc. Não há conversações entre as partes que se opõem, o diálogo está ausente.

Ortega y Gasset (s.d) denomina como “homem massa”, um sujeito “esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil às disciplinas internacionais”. Para esse fenômeno, a mídia tem exercido um fundamental papel, pois, como diz Tarde (2005, p. 28), “as grandes conversões de massas, hoje, são os jornalistas que realizam.”

Nesses eventos populares, apurou-se que se questionou muito o efeito moral da corrupção, porém sem apontar com eficácia suas verdadeiras causas. Grande parte dos manifestantes deposita cegamente toda a sua esperança, de um país melhor e mais justo, nas mãos da burocracia, particularmente a Judicial.

Foi constatado ainda que uma grande maioria dos integrantes dessas massas defende ideias de segregação, xenofobia, racismo e preconceito de qualquer tipo, como ideológico por ser de esquerda, por ter admiração pelos estudos de Karl Marx ou até mesmo pelo fato de uma pessoa ter o gosto pela cor vermelha, por exemplo.

Como apurou Tarde (2005, p. 34), “as multidões políticas, urbanas em sua maior parte, são as mais apaixonadas e furiosas. Versáteis, por sorte, passam da execração à adoração, de um acesso de cólera a um acesso de alegria, com extrema facilidade.”

Jorge Forbes, em entrevista ao *Planeta digital*, atribui a crise social no país hoje à falta de diálogo entre as pessoas, que estão “aferradas a verdades estanques”. E acrescenta que “estamos em uma guerra civil verbal. A um passo de uma guerra civil carnal. E quando o diálogo termina, o próximo passo é a agressão física”.

Freud (1930[1929]/1980, p. 95) afirma que o sofrimento é o que nos afeta muito mais facilmente, ao contrário da sempre almejada felicidade. Para ele,

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e a dissolução [...]; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja o mais penoso do que qualquer outro.

Se, então, são os nossos relacionamentos com os outros homens a causa do sofrimento mais penoso que qualquer outro, como abordar aqui o fenômeno das massas? Como abordar a intensidade das manifestações, que, nos dias atuais, são apresentadas, não mais de maneira imparcial, pelos noticiários diários, os quais

exibem fatos, que se fazem acompanhar de contundentes críticas em relação aos acontecimentos que ameaçam a tranquilidade dos brasileiros hoje?

Quanto a isso, podemos dizer da dificuldade desde sempre existente nos relacionamentos dos homens com os outros homens e o labor que a convivência acarreta, temas esses abordados por Freud (1930[1929]/1980) ao se referir ao assassinato do pai da horda pelos filhos, que sentiram remorso após matarem o pai. O remorso se deveria à ambivalência primordial de sentimentos dos filhos em relação ao pai; os filhos o odiavam, mas também o amavam.

Após a agressão, o amor (remorso) veio onde antes era o ódio, criando o superego pela identificação com o pai; se ao superego é dado o poder paterno, como punição pelo assassinato que cometeram, isso os impede de repetirem o ato. Segundo Freud (1930[1929]/1980, p.156),

[...] todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é uma expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos.

Para Freud, o conflito se expressa inicialmente no complexo edipiano, cria a consciência e o primeiro sentimento de culpa. E prossegue: “Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado [...] O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo” (Freud, 1930[1929]/1980, p. 157), ou seja, à grande massa, nas manifestações de rua, como temos tratado aqui.

Freud afirma que há duas pulsões que coexistem na vida de cada um de nós e que raramente aparecem isoladas uma da outra, embora em proporções diferentes: Eros e Tanatos (pulsão de morte). Em relação à pulsão de morte, postula que “uma parte da pulsão é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade.” (Freud, 1930[1929]/1980, p. 141). Para ele, é inata a “inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (1930[1929]/1980, p. 142), a qual está intimamente ligada à pulsão sexual. (Freud, 1905/1980).

A propósito do tema da crueldade, esta é um fenômeno da civilização. Segundo Nietzsche (1998, p. 55), conforme citado por Adriana Testa (2011, p. 87), a crueldade era uma prática para regular as ações humanas, “[...] fazer-sofrer produz bem estar em sumo grau, na medida em que o prejudicado trocava o dano, assim como o

desprazer que este lhe produzia, por um extraordinário contra gozo: o fazer-sofrer, - uma autêntica festa”.

Podendo ser relacionados com o modo como se comportam alguns segmentos das massas, atos cruéis foram amplamente observados nas manifestações de rua, quando, por exemplo, uma jovem foi espancada porque usava uma vestimenta cuja cor não era condizente com aquelas que o grupo contrário ostentava. Outro exemplo diz respeito a um jovem ciclista espancado apenas por estar “fora do seu grupo”. Assim, vários foram os atos violentos, cínicos e cruéis ocorridos diante dos aplausos de muitos presentes, sem qualquer questionamento, enquanto outros assistiam atônitos.

Com efeito, Folena de Oliveira (2016, p. 133) observa que: “A crueldade torna-se corriqueira ao ponto de agradar a massa da população e tornar-se um espetáculo público, promovido e organizado pelo Estado”.

Embora amplamente divulgado que as manifestações têm transcorrido em clima de paz, tem-se visto inúmeros episódios de agressividade entre os manifestantes que compõem a grande massa da população, de excessos dentre aqueles que, por se sentirem ameaçados diante de uma possível perda do que representa o “quem pode mais”, o que pode ser traduzida por uma perda de gozo, aqueles, por não aceitarem a perda, antecipam-na.

Ocorreu no aeroporto de Curitiba manifestantes hostilizarem a senadora Gleisi Hoffmann (do PT), com palavras ofensivas e com insultos. Também, durante os protestos, outros episódios de agressividade e violência, como os da tarde de 01/06/2016, foram registrados em vídeo e publicados pelo jornal online Pragmatismo político (2016). As agressões físicas, nesse caso, não vieram dos manifestantes entre si, mas daqueles que deveriam zelar pela segurança do povo. A matéria, cujo título “Mulher é covardemente agredida pela PM (Polícia Militar) durante protesto contra Temer”, refere-se a uma jovem mulher agredida por um grupo da PM de São Paulo quando, defendendo a moradia popular, ela protestava contra os cortes do programa “Minha Casa, Minha Vida” em que a proposta do atual governo é de retirar os subsídios.

O SUJEITO E O CONSUMO

Diante de tudo isso, o que esperar do sujeito imerso numa cultura do “sempre o novo”? A existência hoje de infindável lista de objetos de consumo, de acordo com a

produção capitalista, diz de um gozo a mais, ou seja, como formulado por Lacan, que teve como referência a mais-valia de Marx, diz de um mais-de-gozar que pode deslocar o sujeito de sua questão.

Assim, do mesmo modo que as imagens em profusão no mundo contemporâneo, que o consumismo e seus gadgets - assim nomeados por Lacan (1972-73/1982, p.110) para falar dos objetos de consumo que a lógica capitalista produz, e que dão, muitas vezes, status social, sendo assim, objetos de gozo -, que as drogadições (porque o sujeito não pode se haver com seu desejo e se presta a ser como que consumido pelo produto), poderíamos também considerar que os protestos das massas a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff não seriam diferentes dessa massiva busca do sujeito por uma solução instantânea de situações, onde esperar se tornou impossível. Fascinados por um determinado objeto, ou mesmo por um ideal tornado objeto, tais sujeitos perseguem um propósito, como esse do impedimento da presidenta Dilma.

Assim, o não poder esperar, o imediatismo, o empuxo ao gozo do novo, colocam em evidência o mal-estar que o sujeito não pode suportar. Nessa “cultura da imediatez” (Lipovetsky, 2004, p. 80), é importante a manifestação de Bauman (2001, p. 185) de que “o adiamento da satisfação perdeu seu fascínio”.

Nesse empuxo ao imediatismo do mundo contemporâneo, a cultura capitalista fez ruir todo o encanto que pode conter uma espera. O mal-estar fez com que se instalasse uma cultura do presente que urge seja sempre presente, “[...] um presente que substitui a ação coletiva pelas felicidades privadas, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo.” (Lipovetsky, 2004, p. 60-61).

Estar no enalço de soluções imediatas, do novo sempre novo, é o que pode ser lido nas palavras de Miller (2005, p. 330-331), em *El Otro que no existe e sus comités de ética*: “O culto do novo inexoravelmente faz do sujeito mesmo um objeto obsoleto, um dejetivo”, cuja consequência é o desaparecimento do sujeito desejante, o seu apagamento diante de um objeto da realidade. O sujeito, enfim, não se dá conta de que foi afetado pelo capitalismo.

DOS ATOS CONTRA O SUJEITO E A VOZ DO POVO NA ERA DO DECLÍNIO DO PAI

O GOZO DAS MASSAS

Os atos contra o sujeito ou contra o outro são abordados por Bentes (2014) em seu livro *As patologias do ato*. Para a autora, as patologias do ato como sintomas sociais representam impulsões a gozar, impulsões essas que surgem em consequência do declínio da função paterna.

Como patologias do laço, esses atos, sob o ponto de vista do discurso jurídico ou filosófico, requerem uma nova posição do sujeito frente à sociedade e à consciência, ou seja, que o sujeito se retrate. “O que para o discurso jurídico é da ordem da moral, do universal, para a psicanálise trata-se não do para-todos, do universal, mas da singularidade do gozo.” (Bentes, 2014, p. 163)

Diante do caos que se observa hoje em muitos níveis das relações dos homens uns com os outros, e do que representa a responsabilidade e o consentimento do sujeito frente ao Outro, pode-se afirmar que

[...] se na contemporaneidade a desordem no simbólico permite uma não regulação do gozo, o controle vem do social, do juiz ou dos comitês de ética, cujos instrumentos são as cifras e as avaliações em um arremedo de democracia, um para-todos que compromete a singularidade e a vigência do estatuto do sujeito dividido. Nestes tempos o sujeito divide com outros uma mesma categoria, um tipo que lhe dá um nome e que o mantém para sempre anônimo. (Bentes, 2014, p.165).

É o que se pode constatar nessa época dos grandes grupos, da grande massa; tal como nos chamados novos sintomas, o sujeito se apresenta identificado ao objeto de gozo, como o “sou toxicômano”, “sou bulímico”, “sou Moro”, além de tantas outras denominações que só os tornam anônimos, colados a um rótulo que os exclui da castração, num curto-circuito de gozo. Trata-se não de uma renúncia ao gozo, mas de um imperativo de gozo. A esse respeito, diz Lacan (1972-73/1982, p.11): “Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo – Goza!”

Nas manifestações de rua, duas correntes opostas são observadas, os contra e os favoráveis ao governo. Dias diferentes foram marcados para as manifestações de cada grupo, sendo possível atestar, com isso, a inviabilidade de se viver e conviver democraticamente, dialogando, conversando, discutindo as convicções de cada um, divergindo politicamente.

Essa separação, no entanto, serve para evidenciar que não se trata apenas de desacordos, de divergência de opiniões, visa-se a que não haja confrontos. E se o

que há são os confrontos, isso nos leva a concluir que mais se trata de um diálogo de surdos, onde as falas são cortadas, como nos aponta Pierre Naveau (1988, p. 110) em seu artigo, “Marx e o sintoma”.

As massas gritam palavras de ordem (“Fora Dilma”, “Fora Cunha”, “Somos Moro” etc.), o que não quer dizer que não se encontrem com a fala rebaixada, como é próprio do capitalismo.

A esse respeito, Naveau desenvolve o que chama de “acontecimento histórico”, interpretado como um sintoma, uma metáfora de falas impossíveis de serem expressadas, a não ser que colocadas em atos. Ele cita Michelet para dizer que a voz do povo é muda, e a guerra social é que impede o povo de falar.

O povo quer a paz, mas se a palavra não lhe é dada, lhe é retirada, então é através do acontecimento histórico que ele toma parte na guerra social. O acontecimento histórico? Quer dizer, os motins, as greves, as manifestações de rua, ou bem, ao contrário, e, certamente em seu detrimento, as tomadas de poder por golpes de estado, os aprisionamentos ou condenações ao exílio. O acontecimento histórico, sucessivamente, dá a palavra ao povo ou a retira e, eventualmente, a estrangula, a degola. (Naveau, 1988, p.104).

É fala corrente a de que o brasileiro é acomodado. No entanto, as manifestações ocorridas em diversas cidades do país não endossam essa afirmação, na medida em que as grandes massas se movimentam, gritam palavras de ordem, manifestando suas posições, as quais podem influenciar as decisões dos parlamentares sobre as questões que envolvem o futuro do país. Nesse caso, são vozes que vêm no lugar da fala antes impossível.

A VOZ DAS MASSAS

Pode-se dizer que as manifestações de rua são o acontecimento histórico que dá voz ao povo. Naveau questiona se não seria, nesse caso, uma maneira de desacordo entre as palavras e os atos. Segundo ele, Michelet, sensível à mudez da voz do povo, apela ao teatro, porque aí o povo participa em ato. Nas palavras de Naveau (1988, p.109), “a fala popular [...] é uma fala colocada em ato, atirada.”

Assim, considerando a participação do povo, pode-se entender as manifestações de rua sob dois aspectos, ou seja, o povo é, ao mesmo tempo, ruidoso e mudo. O povo ruidoso, assim é quando se faz ouvir, é quando faz valer o “acontecimento histórico”, que pode provocar mudanças. Como exemplo ocorrido em todo o país, com as manifestações de junho de 2013, o povo se fez ouvir ao contestar o aumento no preço das passagens de ônibus. E é mudo quando assim o tornaram

aqueles que se julgam os melhores no comando, “os donos do poder”, que, ao ignorarem a fala do povo, o calam, como bem expresso por Marcos Coimbra (2016) no artigo “O povo e a crise”, da Carta Capital: “Sábio o povo, o que não quer dizer que seja ouvido. Como em inúmeras situações de nossa história, quem se acha no direito de tutelá-lo está prestes a ignorá-lo outra vez.”

Segundo ainda os estudos de Coimbra, viu-se no país um povo mudo desde o tempo do nascimento da República, quando todos assistiram atônitos, num papel de meros espectadores, o grande feito da história do Brasil. Merece nota, desse modo, que a história testemunha que seus fatos muito pouco mudam pela manifestação popular.

Já na atualidade, verifica-se como melhor exemplo o que o Brasil inteiro presenciou no dia 17/04/2016, na Câmara dos Deputados. Os parlamentares, em sua maioria e guiados por seu líder, ao desconsiderarem a voz do povo, não só nas manifestações de rua, mas principalmente nos resultados das urnas, aprovaram abertura de processo de *impeachment* contra a presidenta da república Dilma Rousseff.

Na busca de poder, numa possível falsa avaliação, deixaram de lado valores importantes para si e para o povo. As sábias palavras de Freud (1930[1929]/1980, p.81) bem servem para endossar essa situação:

Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles.

A LEI E O LAÇO SOCIAL

A AUTORIDADE PÚBLICA, A LEI E O COMPLEXO DE ÉDIPO

No cenário atual da política, uma frase foi proferida por uma autoridade do Judiciário para, em seguida, ser repetida quase à exaustão por outras autoridades e também pelo povo: “ninguém está acima da lei”; quer dizer, não há quem esteja isento de ser submetido à lei do Estado, e que a lei vem como garantia de igualdade do ponto de vista jurídico. Essa afirmação universalizante pode, em certas circunstâncias, desresponsabilizar o sujeito, prestando-se assim a utilizações indesejáveis e perversas da lei.

Célio Garcia (2001, p. 10) interroga o que significa a palavra lei. Ela é, “em seu sentido mais amplo, a relação constante e necessária entre fenômenos. No sentido jurídico, é a regra escrita, instituída pelo legislador”. Em psicanálise, a lei está baseada no que se refere ao Complexo de Édipo, à barreira contra o incesto e o parricídio.

Lacan faz uma leitura do complexo de Édipo freudiano e adota a tríade pai, mãe e filho, não mais como à época de Freud, na composição familiar, mas passará a falar em função materna e função paterna, o que poderá ser encontrada inclusive nas novas configurações familiares hoje.

A lei permite aos homens conviverem uns com os outros, permite um melhor convívio entre os povos. Assim sendo, “ela é um modo de fazer laço social” (Mattos, 2001, p.178), já que o homem não prescinde de conviver com o outro, o semelhante.

O laço social foi formulado por Lacan, e implica em tomá-lo como discurso, como o que estabelece vínculo entre os seres falantes. Lacan (1982, p.28) diz que “essa noção de discurso deve ser tomada como liame social”, que é o laço do sujeito com a linguagem. Enquanto Freud fala de uma qualidade comum para que os grupos se formem, Lacan formula que é a palavra que tem essa qualidade.

Quando Lacan toma o laço social como discurso, também quer dizer que os discursos de que ele trata não necessitam da fala para atuar.

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida alojar-se nele” (Lacan, 1992, p.158).

Cada um dos discursos, que se diferenciam pela posição dos significantes em articulação, indica um determinado tipo de laço social. São eles: do mestre, do universitário, da histérica e do analista.

Há também um quinto discurso, o do capitalista, o qual não pode ser considerado um discurso como os outros por não deixar lugar à falta. Dito de outro modo, muito diferente da troca constante de bens de consumo, que não deixa lugar a que o sujeito reinvente a cada vez saídas via desejo, o que estabelece o laço social é a falta de objeto. Como uma inversão do discurso do mestre, no discurso capitalista não há lei, só imperativo, não há laço social, porque este produz discurso. E sobre o sujeito no discurso do capitalismo, ele é o consumidor ideal, cujo parceiro ideal é um objeto da realidade, já que, no capitalismo, que não crê no sujeito barrado, inexistente a condição de impossibilidade de que sujeito e objeto se acomodem.

No que se refere ao laço social e os discursos, também diz Miller (2003):

[...] é bem a democracia que autoriza a pluralidade do laço social. É bem em regime de democracia que o laço social universitário pode se manter como laço social fundado sobre a relação com o saber. Temos o exemplo de outros tipos de sociedade que não permitem de modo algum a autonomia da relação com o saber. A histeria, o discurso da histeria, é uma dissidência, uma dissidência discursiva. E sabemos que há regimes sociais que classificam a dissidência, que reprimem a dissidência enquanto tal, que a medicam e que a trancafiam.

E acrescentando sobre o discurso analítico, enuncia o seguinte:

[...] não falamos do discurso da análise, que com efeito para alguns tipos de regimes sociais é estritamente proibido. Dito de outra forma, a subsistência mesmo do discurso analítico, enquanto laço social específico, da mesma forma que o discurso universitário ou o discurso histórico, supõem certa forma de organização social não importa qual seja. Em particular, a que temos conhecido como forma totalitária não permite essa fragmentação e essa pluralização do laço social. (Miller, 2003).

QUE LAÇOS NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA

Constata-se que no vaivém dos protestos, os laços não são laços duradouros, mas há que se conformá-los à realidade política do Brasil hoje, considerar o que leva as pessoas, nessas manifestações, a se conectarem a partir de um ponto de referência fixo. As pessoas, cada uma, estão reunidas por identificação a um líder, ou mesmo a idéia de um líder, mesmo que ele não esteja presente, e por identificação aos demais membros do grupo (Freud, 1921/1980, p.121).

Segundo Freud (1921/1980, p.133), a identificação é a “mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. A organização libidinal dos grupos (Freud, 1921/1980, p.139) é compreendida então pelos mecanismos de identificação com o líder, a qual é

[...] partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. [...] Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. (Freud, 1921/1980, p.136).

Freud (1921/1980, p.119) cita a Igreja e o Exército para dizer da função do líder como o que determina a consolidação do grupo, e mostrar o laço entre cada um e o líder, que ama a todos igualmente, e entre os membros do grupo uns com os outros.

As manifestações vêm mostrar como a identificação se dá a um só e mesmo objeto, em substituição a um ideal. Assim, "*Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do*

ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego". (Freud, 1921/1980, p.147, grifo do autor).

No entanto, o próprio Freud adverte sobre o principal fenômeno da psicologia de grupo, que é a falta de liberdade individual no grupo. Se cada um se move com a massa, o preço a se pagar é o de não haver ali um sujeito desejante, ou seja, não há espaço para a singularidade.

OS EXCESSOS NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA E O MAL-ESTAR

O SUPEREU

Os excessos são patentes tanto da parte das autoridades, que se fazem representar pelo povo brasileiro, como das massas. Com relação a estas, fica evidente na frase destacada pelo jornal *El País*, no dia 14/03/2016: “Entre as pessoas que saíram de novo à rua no Brasil contra a corrupção e para exigir a saída de Rousseff, só um personagem se salva: o juiz...”, ou seja, surge para aquele segmento da massa, um juiz, não na sua função de julgar os conflitos que são submetidos à sua apreciação e fazer cumprir a lei, mas um homem sendo endeusado, encarnando assim o supereu que ordena ao gozo.

Enquanto uma parte da população exalta o juiz, uma outra recua diante do modo austero com que apresenta a lei, ou seja, se ele surge como todo-poderoso, um deus, ele é também uma ameaça, porque o que faz valer é tão somente uma “ordem de ferro”, segundo expressão usada por Lacan no Seminário 21 (inédito, aula 10).

Os que o exaltam o fazem como saída para o mal-estar diante do real da ameaça. A Deus, é preciso diante dele curvar-se, fazer-lhe vênias, é preciso que se O ame, ou pode sobrevir o castigo.

Segundo Freud, o homem no começo era um “débil organismo animal”. E a propósito das coisas que o homem pode reivindicar como aquisição sua, ou seja, com a aquisição da cultura,

[...] formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. A estes, atribuía tudo o que parecia inatingível aos seus desejos ou lhe era proibido. Pode-se dizer, portanto, que esses deuses constituíam ideais culturais. Hoje, ele se aproximou bastante da consecução desse ideal, ele próprio quase se tornou um deus. [...] O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. (Freud, 1930[1929]/1980, p.111).

Nessa fantasia de superioridade e narcisicamente em fascínio por si mesmos, a investidura de poder cai-lhes bem como uma ajustada prótese, sem a qual não funcionam.

O que o povo, em massa, quer é justiça e segurança, o que remete ao sentimento de desamparo, que aponta para a perda ou a obtenção do amor e a proteção do pai. Assim, podemos dizer que o homem está em busca de proteção contra o que o ameace com sofrimento. E essa tentativa de saída do mal-estar denota uma busca do que é a felicidade.

A BUSCA DAS MASSAS PELA SUPOSTA FELICIDADE

A esse respeito, Freud (1930[1929]/1980, p. 95) adverte que “a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’. O que chamamos felicidade [...] é possível apenas como manifestação episódica.”

Além disso, também em “O mal-estar na civilização” (1930[1929]/1980, p. 116), Freud diz: “A primeira exigência da civilização, portanto, é a da justiça, ou seja, a garantia de que uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo”. Essa afirmação responde ao que se passa com as manifestações nas ruas. As massas de ambas as posições (pró e contra o governo) reclamam o que supõem uma violação dos direitos constitucionais, reclamam dos fazedores das leis, eles próprios descumprindo e não honrando o compromisso com o povo.

Quanto aos inúmeros protestos pelo país, não ocorrem, ou pelo menos não partem de classes sociais ditas menos favorecidas, que poderiam reivindicar direitos básicos para sua sobrevivência. O que se tem visto é o que leva muitos sujeitos a se posicionarem diante de seu semelhante, julgando-se superiores por pertencerem a uma classe social e econômica mais abastada. Tudo isso, entretanto, vem como para tamponar o furo, a divisão subjetiva. Como aponta Nieves Soria (2005, p. 11) em seu artigo “Mutações do real”, esse sujeito “fala outra língua [...] desabilitada do impossível, que deixa de lado as coisas do amor”.

Em relação a isso, destacamos um fato que pode servir de exemplo. Todos os brasileiros puderam presenciar os deputados no plenário da Câmara, invocando o amor “pelo meu pai”, “pela minha família”, “pelos meus filhos” etc., como justificativa para seus atos. Trata-se de sujeitos, nesse caso, que não se angustiam, falam de amor para o qual estão desabilitados enquanto poderosos consumidores.

E se deixam de lado as coisas do amor, são sujeitos que, não balizados pelo Nome-do-Pai, preferem um outro tipo de nomeação: “nomear-para”, segundo Lacan no Seminário 21 (inédito). O Nome-do-Pai funda um tipo de nomeação que inclui a aceitação de uma impossibilidade. Já o “nomear-para” vem como uma “ordem de ferro”, geralmente materna. Soria (2008, p.47) cita Lacan para dizer que, nesse tipo de nomeação, não é necessário o pai, basta a mãe, com sua nomeação rígida devido à perda da dimensão amorosa, porque o amor é antes de tudo amor ao pai.

Com o nomear-para, é o Outro que nomeia o filho para algo, que passa a vida cumprindo um mandato materno, enquanto “a nomeação paterna, nomeia o filho dizendo: *‘tu és meu filho, faz teu caminho’*” (Soria, 2008, p.47, grifo do autor). Esse nomear-para “desloca o real do outro, sua dimensão de objeto, de resto incalculável” (Soria, 2005, p.6); ou seja, as relações entre homem e mulher, nesse caso, precisam ser calculáveis, previsíveis.

Em nossa época, em que está vigente o declínio do pai, houve um deslocamento da função paterna, que é uma das consequências do capitalismo, cujo discurso contém o empuxo ao gozo do supereu. Portanto, se antes se contava com a lei do pai, a que diz não ao gozo, trata-se aí de um supereu que difere de hoje, o qual ordena ao gozo.

A esse respeito, podemos acrescentar o que diz Grostein (2002, p. 19), em seu artigo “Não há *semblant* de discurso”:

Miller [...] ao tratar da questão da política, vai dizer que vivemos uma época de nostalgia da cidade, e conseqüentemente um declínio da importância das leis. Poderíamos supor que vivemos mais de acordo com os costumes, regras, normas do que o respeito às leis.

A POLÍTICA DA PSICANÁLISE E A INCIDÊNCIA DA POLÍTICA NA PSICANÁLISE

No que se refere à política da psicanálise, esta é a política do sintoma, se baseia no inconsciente, porque é com o inconsciente que o analista vai lidar. Tendo isso em consideração, podemos citar o tema desenvolvido por Marie-Hélène Brousse (2003) no Seminário Internacional do Campo Freudiano, em São Paulo, que é uma frase dita por Lacan no Seminário 14 (inédito): “O inconsciente é a política”. Brousse (2003, p. 17) destaca uma observação de Miller, qual seja, a de que Lacan dá, com seu dito, uma definição do inconsciente. Ele não define política, porque não concerne à responsabilidade do analista.

Vidal (2012, p. 18) considera que “A proposição ‘o inconsciente é a política’, longe de estipular uma hegemonia do inconsciente, limita seus efeitos à política, como um campo estruturado e restrito de relação entre os seres falantes”. A frase proposta por Lacan vem, desse modo, questionar as relações, sempre carregadas de profundos equívocos, existentes entre os seres falantes.

O que ocorre na política brasileira, no momento presente, tem sua incidência sobre a psicanálise, já que o psicanalista também participa da atualidade do acontecer político; é com o que ele tem sempre que se haver, pois está na cidade.

Brousse (2003) já dissera que, tendo em conta a política da psicanálise, sejamos levados a nos interrogar sobre a política, ou melhor, que a prática do analista esteja inserida na vida pública de acordo com o contexto da época. O analista precisa se interessar pelo que se refere ao político e à cidade. Ou, como adverte Lacan (1953, p. 322), em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”:

Que antes renuncie a isso (à prática psicanalítica), portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico.

Ao analista, além de estar de acordo com a subjetividade da época e saber se orientar nela, é preciso também não julgar. Cabe ao analista, portanto, uma neutralidade em relação ao eu, enquanto adaptação social, e ao supereu, enquanto imperativo de gozo. Isso não quer dizer de uma neutralidade qualquer, “mas é uma neutralidade que é de um compromisso para o sujeito” (Brousse, 2003, p.21).

E como já dito anteriormente sobre os discursos, enquanto laço social, e a psicanálise como um desses discursos, muito vem acrescentar a seguinte afirmação de Brousse (2003, p.22): “É justamente porque a psicanálise é um laço social, portanto um tratamento do gozo, que ela está necessariamente misturada na questão do político”, e, por isso mesmo, renovada em cada caso.

Por tal razão, entende-se importante fazer uma abordagem dos movimentos de massas no Brasil, entre 2015 e 2016, e o seu envolvimento político, a partir de uma análise pela teoria psicanalítica para tentar contribuir na construção dos movimentos dos grupos sociais, nas suas reivindicações de rua, principalmente sob a ótica das desorganizações, que é comum às massas nas suas manifestações políticas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se ter sido possível demonstrar neste trabalho alguns aspectos considerados fundamentais para a compreensão do fenômeno das massas e seus deslocamentos e, mais especificamente, o fenômeno das manifestações de rua.

A ocorrência quase diária de fatos que nos levaram a questionar sobre a existência de tantas pessoas se reunirem com um único objetivo, o de protestar, também nos proporcionou a oportunidade de verificar a importância do líder na constituição dos grupos. O assunto foi tratado com rigor por Freud, que nos encorajou a enveredar neste estudo em relação à posição do povo diante dos acontecimentos políticos do país e constatar como as massas se formam, como pensam e como agem. Considera-se legítima a preocupação de Freud em demonstrar que a coesão de um grupo se dá devido à existência de um líder, com o qual cada um do grupo se identifica, além dos membros do grupo identificarem-se entre si. Sem o líder, resta a confusão, resta uma massa desordenada e caótica.

A massa é conduzida assim pela vertente imaginária, não contando aí o aspecto da singularidade, ou seja, o desejo do sujeito. Este, não tendo acesso à questão que o divide, que o faz desejar, desaparece nos protestos das massas.

É possível afirmar que, na civilização hoje, os excessos da produção capitalista tenham seus efeitos sobre o sujeito, que, num gozo imediatista (que coloca em evidência o mal-estar do sujeito), tem que ser atendido sem demora, que a renovação seja antes mesmo que o ciclo anterior tenha se completado, como já tratado em relação aos protestos que pediam o fim do mandato da presidente Dilma Rousseff. É como o capitalismo intervém sobre o sujeito, o qual, imerso no empuxo ao consumo, torna-se puro resto, apagado.

Ressalta-se algumas consequências do agrupamento de pessoas, consequências essas como a agressividade, a violência e a crueldade, que são fenômenos meticulosamente trabalhados por Freud, além de outros autores, e que foi possível serem constatados numa frequência considerável nos numerosos protestos ocorridos em muitas cidades do país.

Por fim, a experiência de nos debruçarmos sobre o tema das manifestações de rua proporcionou a oportunidade de um conhecimento mais aprimorado de fatos relacionados à política no Brasil de hoje. E sobre este estudo, que, muito longe de esgotar o assunto, possa servir tanto para situar os fatos como para um

posicionamento decidido de cada um diante do que se refere à política brasileira com seus desdobramentos, ou melhor, que o sujeito seja desejante.

Por fim, realça-se que os movimentos de massas não esgotam as necessidades humanas fundamentais; eles representam mais um desejo imediato e sem a percepção de futuro e as consequências dos atos produzidos, que podem beneficiar a classe dominante, a qual controla os meios de produção em detrimento aos interesses da esmagadora massa, que se manifestaram livremente nas ruas do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARIAS, J. (2016) “Somos todos Sergio Moro”. El País, 14 março 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/13/opinion/1457899365_762866.html> Acesso em 11 de abril de 2016.
- BARROS, M. et al (2005) “Corpo e função paterna”. In: Papers do Comitê de Ação da Escol@Un@. Nova série, n. 10, outubro 2005. Disponível em: <<http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp>> Acesso em: 8 de abril de 2016.
- BAUMAN, Z. (2001) Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BENTES, L.V.G. (2014) As patologias do ato. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho.
- BROUSSE, M. H. (2003) O inconsciente é a política. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.
- COIMBRA, M. (2016) “O povo e a crise”. Carta Capital, Revista online. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/895/o-povo-e-a-criese>> Acesso em 11 de abril de 2016.
- FOLENA DE OLIVEIRA, J. R. (2016) Do conflito ao equilíbrio: Política, Judiciário e Audiências Públicas. Rio de Janeiro: Pachamama.
- FORBES, J. (2016) “Vivemos uma guerra civil verbal”. Revista Planeta digital. Entrevista concedida a Renata Valério de Mesquita. Disponível em: <<http://www.revistaplaneta.com.br/vivemos-uma-guerra-civil-verbal/>> Acesso em 15 de junho de 2016.
- FREUD, S. (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII.
- _____. (1920-1923) “Psicologia das massas e análise do eu e outros textos”. In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 15.
- _____. (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII.
- _____. (1930[1929]) “O mal-estar na civilização”. In: FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.
- GARCIA, C. (2001) “A lei e a norma”. In: Curinga, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: EBP-MG, v. 17, nov. 2001.
- GROSTEIN, S.A. (2002) “Não há semblant de discurso”. In: Carta de São Paulo. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise. São Paulo: EBP-SP, nov. 2002.
- HOBBS, T. (1651) Leviatã. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974. (Coleção Os Pensadores - v. XIV).
- LACAN, J. (1953) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1969-70) O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. (1972-73) O Seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- _____. (1973-74) Le Séminaire, livre XXI: Le non-dupes errent. Inédito.
- LIPOVETSKY, G. (2004) Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarola.

- MATTOS, S. (2001) “Da lei ao fora-da-lei”. In: Curinga, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Belo Horizonte: EBP-MG, v. 17, nov. 2001.
- MILLER, J-A. (2003) Um esforço de poesia. Seminário inédito. Aula 11.
- _____. (2005) El Otro que no existe e sus comités de ética, colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós.
- “Mulher é covardemente agredida pela PM durante protesto contra Temer”. In: Pragmatismo político, 2 junho 2016. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/06/mulher-e-covardemente-agredida-pela-pm-durante-protesto-contra-temer.html>> Acesso em 3 de junho de 2016.
- NAVEAU, P. (1988) “Marx e o sintoma”. In: Falo: Revista Brasileira do Campo Freudiano, ano II, n.3. Salvador: Fator, julho-dezembro de 1988.
- ORTEGA Y GASSET, J. M. (s.d) A rebelião das massas. Lisboa: Relógio D’Água.
- SORIA DAFUNCHIO, N. (2005). “Mutações do real do ser falante”. In: Papers do Comitê de Ação da Escol@ Un@. Nova série, n. 10, outubro 2005. Disponível em: <<http://wapol.org/pt/articulos/Template.asp>> Acesso em: 8 de abril de 2016.
- _____. (2008). Confines de las psicosis. Buenos Aires: Del Bucle.
- TARDE, G. (2005) A opinião e as massas. Martins Fontes: São Paulo.
- TESTA, A. (2011) “Crueldade”. In: Scilicet: A ordem simbólica no século XXI. Associação Mundial de Psicanálise. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- VIDAL, E. (2012) “O inconsciente é a política”. In: Política e psicanálise – Efeitos d’Escola. Revista da Escola Letra Freudiana, ano XXXI, n. 44. Rio de Janeiro: 7Letras.

THE PHENOMENON OF STREET MANIFESTATIONS IN BRAZIL: A PSYCHOANALYTIC READING OF MASS BEHAVIOR

ABSTRACT

In this work, the aim is to analyze the understanding of the phenomenon of the masses and their displacements, and more specifically the street demonstrations that took place in Brazil during the years of 2015 and 2016. From the main theoretical framework of Freud and Lacan, an attempt was made to investigate the facts that led to the existence of so many people meeting with a single objective, that of protesting in the Brazilian streets against traditional politicians, political parties and corruption. Thus, in the present work, we intend to approach the masses, who move restless and noisy through the streets of Brazil, as well as their behaviors and their yearnings.

KEYWORDS: Pastas. Manifestations of the street. Brazil. Policy. Psychoanalysis.

LE PHENOMENE DES MANIFESTATIONS DE RUE AU BRESIL: LECTURE COMPORTEMENTS PSYCHANALITQUES MASSES

RÉSUMÉ

Dans cette étude, nous avons cherché à analyser la compréhension du phénomène des masses et leurs mouvements, et plus particulièrement les manifestations de rue qui ont eu lieu au Brésil au cours des années 2015 et 2016. A partir du principal cadre théorique de Freud et Lacan, nous avons cherché à enquêter sur les faits qui ont conduit à l'existence de tant de gens se réunissent avec un seul but, pour protester dans les rues du Brésil contre les politiciens traditionnels, les partis politiques et la corruption. Dans le présent travail, faire face aux masses est destinée, déplacer les rues agitées et bruyantes du Brésil, ainsi que leur comportement et leurs attentes.

MOTS-CLÉS: Messes. Les manifestations de rue. Brésil. Politique. Psychanalyse.

*O Fenômeno das Manifestações de Rua no Brasil: Uma Leitura Psicanalítica do
Compartamento das Massas*

Recebido em: 18-01-2017

Aprovado em: 15-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php